A Recuperação da Excelência - O Instituto Que Conta o Brasil

O IBGE, maior centro de produção de estatísticas da América Latina, inaugura uma nova fase de ascensão superando a mais longa crise de toda sua história. Mas teve que fugir do tiroteio do Morro da Mangueira.

IRINEU GUIMARÃES, Especial para o JORNAL DO COMMERCIO (13 de maio de 1996, página A-14).

Esta é a home page do IBGE na Internet que permite o acesso on line aos resultados das principais pesquisas realizadas no Brasil

Ele transferiu o IBGE do morro da Mangueira para fugir do tiroteio dos bandidos, e colocou nos computadores os resultados dos últimos censos. Depois de promover a entrada da instituição na Internet, o presidente está satisfeito: os usuários podem agora ter acesso on line aos dados econômicos, geográficos e estatísticos que definem o perfil do país. E agora os brasileiros podem saber quantos são a qualquer hora. No momento em que o leitor começar a ler essa matéria somos 157.594.699 brasileiros.

Alto, sério, o semblante austero irradiando uma autoridade que o olhar escondido por trás dos óculos graúdos procura amenizar, Simon Schwartzman, o presidente do Instituto Brasileiro de Economia e Estatística, recebe o visitante dentro de um ritual de perfeita correção. Mas sem a menor concessão à familiaridade.

Durante muitos anos o IBGE foi considerado uma das instituições mais conspícuas da república. Fundado em 1934, graças principalmente à persistência quase obsessiva do então ministro Juarez Távora, para atender às necessidades nacionais no setor de produtos geográficos, estatísticos, e censitários em geral o IBGE alcançou sua condição de excelência logo após o final da última guerra, quando se consolidou o trabalho de especialistas emigrados das universidades europeias.

Até hoje, o nome de A. Desfontaines é lembrado como símbolo da contribuição dos franceses na área de geografia. O italiano Giorgio Mortara e o alemão João Iockman têm lugar garantido na história da ciência estatística nacional. Entre os brasileiros que figuram na galeria dos pais

fundadores, ou que se imortalizaram por seu trabalho dentro da instituição, vale lembrar Mário Augusto Teixeira de Freitas, Alírio Hugueney de Mattos, Túlio Hostílio Montenegro (área de geodesia), Fábio Macedo Soares Guimarães, Jorge Zarur, Orlando Valverde, Nilo Bernardes, Marília Velloso, Esperidião Faissol (área de geografia), Paulo Lara Rubens Gueiros (área de estatística), e tantos outros que não poderiam deixar de ser citados.

Durante o longo período da ditadura militar o IBGE iria conhecer uma dolorosa fase de decadência. Acabou se transformando em mais um cabide de empregos, para satisfazer aos interesses dos mandantes, A instituição atingiria o ponto mais baixo de sua degradação durante a administração Jessé Montello, quando se chegou ao absurdo de manipular índices para justificar posições oficiais equívocas.

A RECUPERAÇÃO DA CREDIBILIDADE

O atual presidente do IBGE, Simon Schwartzman, recebeu uma herança já em fase de início de restauração, graças ao trabalho de seus predecessores mais imediatos especialmente Edmar Bacha e Edson Nunes.

Ph.D. em Ciência Política pela Universidade de Berkeley, professor de Teoria Política, de Metodologia da Pesquisa, e de Sociologia da Ciência e Tecnologia, na Universidade de São Paulo, Simon Schwartzman sempre mostrou, desde a sua posse, ter consciência das dificuldades de sua missão, que haveria de começar pela recuperação da credibilidade:

-Assumi a presidência do IBGE em abril de 1994 num momento delicado: os funcionários estavam em greve, uma greve dura que ameaçava evoluir para o pior. Procurei montar uma estratégia de recuperação da imagem da instituição perante a opinião pública, e, principalmente perante seus próprios membros. Esta imagem era negativa. Atraso sistemático na publicação dos dados, produção de informações pouco confiáveis, falhas grosseiras no atendimento aos usuários e paralisações cada vez mais frequentes: tais eram as principais acusações. Procuramos valorizar o esforço notável de nossos servidores que conseguiam manter as pesquisas de campo e a divulgação de resultados mesmo em condições lamentáveis de carência de recursos, salários baixos e instabilidade institucional. O trabalho de reversão do quadro começou a produzir efeito.

Schwartzman abriu uma segunda frente de ação para recuperar os clássicos atrasos do IBGE. Já em seu primeiro ano de exercício ele conseguiu publicar os dados do Censo Demográfico de 1991. Uma das pesquisas mais importantes da instituição é a PNAD, ou seja, pesquisa nacional por amostra domiciliar. Trata-se, em princípio, de uma pesquisa permanente de periodicidade anual. Em 1994, os dados da pesquisa da PNAD de 1990 ainda não tinham sido divulgados. Graças à pertinácia do presidente, estes dados já estão à disposição dos usuários e até o final do mês de

Junho próximo, os resultados da Pnad. de 1995 já estarão sendo divulgados oficialmente., Schwartzman não se contenta com a recuperação dos atrasos. Ele quer ir mais longe:

- *Estamos tentando modificar a própria concepção das grandes pesquisas. Com o correr dos anos, nossos trabalhos acabaram sofrendo desgaste com intervenções indevidas. Havia sempre alguém que chegava com uma sugestão bem intencionada para, por exemplo, introduzir na PNAD, uma pergunta nova. Os responsáveis aceitavam a sugestão. O resultado foi desastroso: o volume dos questionários foi sofrendo aumentos excessivos e as consequências no plano da apuração e da divulgação logo se fizeram sentir. Estamos empreendendo um esforço concentrado na montagem das amostras que precisam ser continuamente atualizadas. Este esforço está sendo muito bem recebido pelos usuários - o que, para nós, é a principal recompensa*.

UM RECENSEAMENTO É UMA OPERAÇÃO DE GUERRA

O leigo não tem a menor idéia do que é a logística de um censo demográfico num país das dimensões do Brasil. Aliás, qualquer pesquisa censitária maior exige, em termos de logística, um trabalho enorme: sejam as pesquisas econômicas, agropecuárias, ou mesmo as que parecem mais simples, que dizem respeito por exemplo à saúde e educação. Mas um censo demográfico exige um verdadeiro esforço de guerra. É difícil imaginar o quanto custa imprimir 130 milhões de questionários de quatro folhas de papel ou mais. Muitas vezes este volume de papel nem existe na praça em condições de disponibilidade imediata. É preciso encomendar às fábricas. O tempo de impressão, a retirada dos volumes da gráfica, o armazenamento dos "kits", enfim, tudo isto exige, vale repetir, um esforço de guerra. Sem contar os custos. Vale lembrar que o Brasil tem cerca de cinco mil (5.000) municípios com um total de 150 milhões de habitantes. O IBGE está presente em cada um destes municípios e os pesquisadores se comprometem a visitar todos os domicílios destes 150 milhões de pessoas. É um trabalho para Hércules. Também neste plano Schwartzman decidiu inovar:

- Até o fim do ano estaremos realizando uma espécie de censo demográfico simplificado. Equivale , na realidade, a um censo demográfico. Mas sem. a parte de amostra, que é a mais complicada e a mais dispendiosa. O levantamento vai registrar apenas o número de habitantes, a c1asslf1cação de idade e sexo, dados sobre as migrações internas, e sobre escolarização (em colaboração com o MEC). Graças à tecnologia leitura ótica temos certeza de que todos dados já estarão convenientemente tratados até o final do mês de dezembro. Esta contagem da população do país será praticamente um censo em <u>real time</u>. A nação precisa desta atualização e é obrigação do IBGE satisfazer esta necessidade.

O presidente explica que, também até o final de dezembro, estará terminado o Censo Agropecuário que, no contexto atual da crise da terra, adquire uma importância estratégica inegável. Quanto ao

censo industrial e comercial, os responsáveis se decidiram por um simples levantamento cadastral que inclui informações sobre a classificação de novas atividades no setor. E garante que essas simplificações proporcionam uma apreciável redução de despesas:

- No contexto desta estratégia de realizar conjuntamente estes dois censos, o agropecuário e a contagem populacional, conseguimos economizar 100 milhões de reais. O custo dos dois é de 200 milhões de reais. Se fossem realizados separadamente, cada um custaria 150 mi1hões de reais. E o governo nos autorizou ainda a contratar 100 mil agentes para este trabalho censitário.

Já em seu primeiro ano de exercício Schwartzman demonstra um certo entusiasmo na apresentação de seus planos. Ele dá a impressão de realmente acreditar na importância de seu trabalho. Pergunto se, de fato, o IBGE ainda deve ser considerado como a instância maior do país no campo dos levantamentos estatísticos e se a administração federal tem consciência disto:

- Sou suspeito para falar. Mas acredito que sim. A pergunta parece se referir à pluralidade de ínstituiç6es que trabalham no mesmo espaço, gerando por vezes diversidade de dados. Considero isto normal num regime democrático. Numa democracia tem de haver confusão de dados, confusão de opinião, diversidade de interpretaç6es. A unicidade, no caso, seria exclusiva dos regimes ditatoriais e parece muito mais perigosa do que a diversidade, a confusão. Seria até certo ponto lamentável que existisse uma única metodologia oficial. É necessário que haja uma diversidade de metodologias, traduzindo uma diversidade de interesses dos diferentes institutos de pesquisas. No caso dos levantamentos da área do emprego, por exemplo. as diferenças dos resultados revelam que os responsáveis pelas pesquisas estão medindo coisas diferentes. Impor uma metodologia única seria certamente empobrecedor e perigoso.

Chegamos enfim a um dos maiores problemas do IBGE: o tamanho da instituição. O grande inchaço ocorrido durante a administração Jessé Montello chegou quase a dobrar o número de funcionários. Schwartzman procura evitar, com o máximo de elegância, qualquer alusão a um passado cuja história já pertence ao domínio público. E dirige sua análise para níveis mais altos:

A questão do tamanho do IBGE continua provocando muita preocupação. Mas o problema reside muito mais no desequilíbrio do que no excesso. O quadro do pessoal mais qualificado está cada vez mais crítico. Temos carências neste setor. E o mais grave é que os salários nesta área não apresentam o menor atrativo para eventuais candidatos. Talvez uns poucos recém-egressos das universidades possam se deixar seduzir. Mas temos realmente necessidade de técnicos de alto nível e está sendo difícil encher os claros. Há talvez algum excesso nos quadros. de nível médio enquanto os quadros admirativos necessitam de aperfeiçoamento. Mas, no fundo, trata-se de um problema de estrutura

institucional e administrativa que só poderá ser resolvido no texto da reforma geral do estado que o governo pretende levar a termo.

No que se refere aos dois departamentos mais sacrificados pelas administrações anteriores, a Gráfica de Parada de Lucas e a Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), a nova administração parece adotar posição bastante sensata. A Ence, que praticamente extinta durante a reforma administrativa do governo Fernando Collor, será mantida. Mas com outra destinação. Como a ciência estatística já é agora fartamente administrada no currículo acadêmico ordinário, a escola do IBGE será transformada em centro de treinamento para os próprios funcionários. Quanto ao parque gráfico, que já foi um mais importantes da América Latina, os planos ainda não têm uma definição muito clara. A informatização deverá simplificar bastante o setor, que ainda continua sendo responsável, no Brasil, pela produção dos documentos cartográficos mais importantes do país. Só Parada de Lucas dispõe ainda de equipamentos com dimensões suficientes para garantir uma cartografia de alta qualidade. Aliás, neste particular, convém lembrar que a cartografia do IBGE já figurou entre as primeiras do mundo Mas a intervenção da informática começa a revolucionar o setor.

COMPUTADOR: UMA PRESENÇA REVOLUCIONÁRIA.

Esta revolução da informática atinge aliás todas as áreas da instituição. O presidente confere uma importância especial a este detalhe:

- Todo mundo sabe que a Diretoria de Informática do IBGE sempre mereceu o respeito dos profissionais do ramo no Brasil inteiro. Mas, no contexto da crise geral, houve um certo atraso que estamos procurando compensar agora. Começamos a renovar nossos equipamentos e produtos em todas as agências da instituição nos mais remotos municípios do pais. Juntamente com as máquinas, procuramos também adquirir os programas de última geração. Esta renovação terá efeitos principalmente na área de divulgação, que era uma das mais críticas.

Mas a maior e mais recente novidade neste plano é a entrada do IBGE na Internet. A Home Page é bonita e funcional. O presidente parece um tanto empolgado com o desempenho de seus subordinados:

-Esta entrada do IBGE na Internet deve ser um marco na história da instituição. Os mais importantes produtos estatísticos, censitários e geográficos podem ser adquiridos diretamente on line, de qualquer parte do mundo. A PNAD já está no banco de dados. O Anuário Estatístico e os dados das grandes pesquisas e muitas informações estatísticas de consumo rápido e imediato estarão assim ao alcance de qualquer teclado que esteja convenientemente conectado à grande rede. E fácil imaginar a importância destas facilidades para o desenvolvimento de nossas atividades.

Empolgado como qualquer cibernauta comum, o professor Schwartzman conecta o computador de seu gabinete. Quando aparece na tela a home page do IBGE, ele mostra, com um ar de indisfarçável felicidade, o relógio do programa chamado poc1ock, que registra o crescimento da população brasileira de minuto em minuto. Quando parei a primeira vez no meio desta reportagem, às 23 horas e 59 minutos do dia 8 de maio de 1996, a população do Brasil era de 157.576.199 habitantes.